

reestruturação econômica, diz Balardin

Perfil



FOTOS: DANI BARCELLOS/ESPECIAL/JC

Natural de Cachoeira do Sul, na região Jacuí Centro, **Leandro Tittelmaier Balardin** (PSDB), de 51 anos, é prefeito de sua cidade-natal, eleito em 2024. Além disso, é vice-presidente da gestão 2026/2027 da Federação dos Municípios do Rio Grande do Sul (Famurs). Bacharel em Direito, administrador de empresa e gestor cultural, iniciou a vida profissional aos 14 anos, como empacotador de supermercado, servente de obras e torneador de botas. Levou vida ativa em movimentos sociais e comunitários desde a juventude, atuando em grupos de escotismo, tradicionalismo, esportes e motociclismo, entre outros. Aos 19 anos, ingressou na Assembleia

Legislativa do Rio Grande do Sul, onde trabalhou por sete anos. Na vida pública, exerceu dois mandatos de vereador, assumindo a presidência do Legislativo cachoeirense por um ano. Foi diretor de Trabalho, Emprego e Renda e de Turismo e Eventos na Prefeitura de Porto Alegre. Na Capital, ainda atuou como Secretário Municipal Adjunto de Desenvolvimento Econômico, na Coordenação-Geral no Gabinete do Prefeito e na Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social e Esporte. Nesta última, ocupou interinamente a chefia da pasta por duas vezes. Foi também membro dos conselhos municipal e estadual de Turismo e conselheiro fiscal da Ceasa/RS.

porte tem sido de balsa para o acesso da cidade...

Balardin – Isso, e por desvios ou acessos secundários, pela ERS-287.

JC – Foi possível retomar o patamar econômico que a cidade tinha antes da enchente?

Balardin – Não. O município sofreu um impacto muito forte na economia. E isso afeta também o setor da produção primária. Existem produtores que estão escoando sua safra para municípios vizinhos e não para a cidade. Esse é o pior impacto que a ponte causou e nos causa, além de intempéries climáticas, que afetaram lavouras e o agronegócio. Tem coisas que a nova ponte pode recuperar. Mas a chuva e a inundação podem voltar a afetar a cidade, o Estado e a própria economia nacional.

JC – E qual é a perspectiva de retomada?

Balardin – Estamos trabalhan-

do em um projeto em parceria com o Sebrae, que é focado na retomada do desenvolvimento econômico da cidade. É a primeira vez que o município faz um convênio com eles, com foco de buscar subsídio, apoio, suporte, conhecimento e o know-how que tem o Sebrae em política pública, auxiliando municípios a fazer planos de desenvolvimento econômico. Já estamos nesse plano, caminhando, desde julho do ano passado. E esperamos lançar o plano de retomada nos próximos meses.

JC – Tem projetos de tornar a cidade mais resiliente ao clima?

Balardin – Sim, o próprio acesso da ponte tem uma elevação. Não muito grande, mas já tende a ajudar nisso.

JC – A agropecuária é protagonista em Cachoeira do Sul. Tem sido possível diversificar a produção?

Balardin – O município tem

tante forte na cidade...

Balardin – Já foi o principal produto da cidade, mas não é mais, porque a soja disparou. Mas continua tendo a sua força e resiliência. Tem bastante lavoura ainda. A cidade foi pioneira no Estado em rizicultura. Mas, hoje, a soja avançou bem mais do que o arroz.

JC – Como está a atração de investimentos no município?

Balardin – Não está do jeito que gostaríamos, mas esperamos que possamos nos fortalecer o mais breve possível. O setor da construção civil está muito forte e o de loteamentos urbanos também. A agropecuária está se expandindo, porque temos muita área de lavoura. São esses segmentos que têm crescido.

JC – E qual é a estratégia para melhorar o ambiente de negócios?

Balardin – A ideia é vender o distrito industrial do porto. E fizemos o Programa de Incentivos ao Desenvolvimento Econômico de Cachoeira do Sul (Prodesul), que busca incentivar e potencializar empresas tanto de fora quanto as que já estão da cidade. Abrimos o leque para não ser apenas indústria e poder contemplar o setor de serviços.

JC – Tem problemas de oferta de mão de obra no município?

Balardin – É controverso. Porque falta emprego. Mas, ao mesmo tempo, tem setores da indústria, especialmente metalmeccânica, que carecem de mão de obra qualificada.

JC – Enxerga alguma possibilidade de expansão do turismo regional?

Balardin – Nunca conseguimos vender o rio Jacuí como uma fonte turística. Mas ele tem uma prainha a ser revitalizada e qualificada. Vamos fazer tudo que for possível para agregar mais eventos culturais e de turismo ao município. Cachoeira do Sul ainda não conseguiu se vender, mas estamos trabalhando bastante nisso.

JC – Como a cidade pretende trabalhar para se preparar para a reforma tributária?

Balardin – Já fizemos a operacionalização de sistemas e softwares de gestão ativa. É enfrentar e pronto. Esperamos não ter quedas maiores nas receitas.

JC – Pretende investir no setor de serviços pensando na distribuição do futuro Imposto sobre Bens e Serviços (IBS)?

Balardin – Sem dúvidas, porque o consumo é a principal fonte do IBS. Queremos ter o comércio local fortalecido, agregando. Mas, ao mesmo tempo, o município é muito comprador de serviços de fora, de maquinário de fora. Acaba equilibrando.

JC – Como estão os investimentos públicos?

Balardin – Adquirimos recentemente duas novas patrôlas. Não era comprada nenhuma pelo município há 17 anos. No final do ano passado, também adquirimos duas novas ambulâncias, que também não eram compradas há 10 anos. Inauguramos uma escola de educação infantil, que há 10 anos não era inaugurada nenhuma. Estamos retomando a economia e buscando melhorar as condições de estruturas públicas. São conquistas que, um dia por vez, vamos chegando lá.

JC – O senhor comentou sobre o desafio em reequilibrar as contas públicas. Como está a atual situação?

Balardin – O endividamento da cidade era mais de R\$ 200 milhões. O déficit anual do ano passado, quando assumimos a prefeitura, era de R\$ 66 milhões. Chegamos ao final de 2025, mesmo com esse déficit, com apenas R\$ 296 mil de insuficiência financeira. Neste ano, também temos perspectiva de déficit, mas um pouco menos, de R\$ 55 milhões. Trabalhamos com muita estratégia de reformas a serem feitas, como a previdenciária.

JC – E em relação ao Marco Legal do Saneamento, acredita que será possível cumprir com a meta de universalizar os serviços até 2033?

Balardin – A Corsan/Aegea está com o indicador de saneamento em torno de 47%. Está longe ainda de ter 90% de universalização, conforme prevê a legislação. Isso está projetado para ocorrer em 2033 em Cachoeira do Sul. Ainda é uma cidade muito atrasada, mas está acima da média estadual.

JC – O que acredita que ainda representa um entrave para o desenvolvimento econômico regional?

Balardin – A organização da gestão pública, para poder dar melhor atenção a áreas como infraestrutura, acessos municipais, logística... Para podermos atrair investimentos e atendermos melhor quem está em casa.